

A Identidade Surda Ameaçada pelo Implante Coclear: Análise do Documentário “Som e Fúria”

Adriane Pieper Giacomet ¹

Resumo:

A proposta do presente artigo é analisar alguns aspectos, referentes a um recurso médico indicado para os surdos o implante coclear, cuja utilização tem sido amplamente divulgada, com técnica para habilitar e reabilitar surdos com perda auditiva de graus severo e profundo. A partir do documentário “Som e Fúria” (2001), dos diretores Josh Aronso e Roger Weisberg, propor-se-á uma reflexão sobre a ameaça da identidade cultural da comunidade surda perante tal recurso.

Palavras-chave:

Implante Coclear. Identidade Cultural. Cultura Surda.

Abstract:

The proposal of the present article is to analyze some aspects, referring to an indicated medical resource for the deaf people - the implantation to coclear -, whose use has been widely divulged, with technique to qualify and to rehabilitate deaf people with severe and deep auditory loss of degrees. From the documentary Sound and Fury (2001), of the directors Josh Aronso and Roger Weisberg, a reflection will be considered on the threat of the cultural identity of the deaf community before such resource.

Keywords:

Implantation to Coclear. Cultural Identity. Deaf Culture.

Este artigo apresenta a surdez como identidade cultural, a partir de casos de pais surdos que querem gerar filhos também surdos, de pais ouvintes que não admitem ter um filho surdo, mesmo pertencente a uma família que se identifica com uma cultura surda, e a grande polêmica instalada na comunidade surda sobre o implante coclear.

Para essas situações, trago uma análise do documentário “Som e Fúria” dirigido por Josh Aronso e Roger Weisberg, com 60 minutos de duração, feito em 2001, nos Estados Unidos, que tem como enfoque a questão de fazer ou não o implante coclear: um desenvolvimento tecnológico, cuja técnica serve para habilitar e reabilitar surdos com perda auditiva de graus severo e profundo. Mesmo sendo considerado pela área médica como um recurso extremamente eficaz para a integração dos surdos na comunidade ouvinte, é bastante questionado pela comunidade surda. A medicina, nesse sentido, estaria visando a “civilizar” o homem, com o objetivo de reformar ou formar fisicamente esse cidadão.

Nesse documentário, as pessoas surdas defendem a surdez como uma diferença, diferença esta que implica ser diferente culturalmente, perceber que os outros têm suas diferenças culturais e identitárias e muitas vezes o ser ouvinte, nesse meio, é considerado como fator de exclusão. Diferença que usa uma outra modalidade de comunicação e que pode correr o risco de ser extinta, se assim for permitido, pelo uso de implantes

¹ Professora do Curso de Pós-Graduação em Educação Inclusiva do Centro Universitário Feevale. E-mail: agiacomet@feevale.br.

cocleares. O documentário mostra que, com esse avanço da medicina, muitos surdos sentem-se invadidos e até mesmo com sua identidade apagada. Segundo Silva (1999, p.25), "A identidade, tal como a cultura, tampouco é um produto final, acabado, uma coisa. Ela é objeto de uma incessante construção".

Mostra também a preocupação de uma avó ouvinte em fazer o implante coclear na neta surda, a preocupação de não ver a neta como o "outro" dos ditos normais. Essa menina é filha de pais surdos, que exaustivamente investigam todas as possibilidades e respostas sobre os resultados das experiências de crianças surdas implantadas: visitam escolas, conversam com especialistas, discutem com a família e defendem pontos de vistas distintos. O documentário nos faz pensar sobre o implante e olhar com curiosidade e investigação o fato de alguns surdos verem a cirurgia como um procedimento que pode destruir a cultura, a identidade surda.

A escolha cultural do surdo pode parecer um processo anômalo para quem defende a normalidade. No entanto, a cultura surda, vista do nível das múltiplas culturas ou da proliferação cultural ou das diferenças, faz com que transpareça com toda a sua excelência nas linguagens constitutivas das culturas. Entrar no lugar da cultura surda requer conhecimento da experiência do ser surdo com toda a transformação que o acompanha. (PERLIN, 2005, p.74).

No que se refere à identidade surda, à alteridade surda e à subjetividade surda, essa cultura ganha força e mostra o quanto é rica, com linguagem própria, sendo este um dos seus pontos mais fortes.

É também importante ressaltar o que acontece com pais que recebem um diagnóstico de surdez, para melhor entendermos sua posição em relação ao implante ou não. Ainda, em sua grande maioria, temos a nítida certeza de que pais ouvintes desejam filhos ouvintes. Essa foi a posição dos pais ouvintes no documentário. Para esse casal, o nascimento não foi plenamente comemorado, passou a ter uma conotação diferente, a partir do momento em que tiveram a certeza do filho surdo. Sabiam que a sociedade receberia esse novo membro com preconceitos. A opção pela realização do implante, para um casal, mesmo que esteja inserido numa comunidade surda, pois seus familiares bem próximos são surdos, foi a solução; receber um diagnóstico de surdez foi considerado um momento de crise e ruptura entre o filho ideal (desejado) e o real. O papel da família tem fundamental incidência na vida de todas as crianças, sem exceções, e dela depende a tomada de decisões que marcarão o destino em construção.

Toda essa situação se faz justamente porque as minorias entre os seres humanos têm sofrido; seus membros são discriminados por terem alguma característica que os deixa fora da estatística da maioria.

Formar parte do grupo dos "outros", por inúmeros motivos, pesa muito em uma sociedade que ainda se preocupa só com sua maioria. Como argumenta Lacerda (2004, p.5), "... as pessoas com deficiência sempre são vistas como algo à parte, como o *outro dos normais*".

Apesar de toda resistência dos parentes surdos, foi feito o implante e, então, pode-se dizer que aquele casal teve o filho desejado, o filho idealizado e, dentro dessa situação, consideraram-se felizes por proporcionar para aquele ser, que nas suas concepções poderia ser excluído, a inclusão em uma sociedade, por ser, a partir daí, considerado "normal".

Porém a comunidade surda, aquela que se identifica com a cultura surda, sente-se controlada por médicos, quando estes desafiam aquilo que acreditam como normal, em que o ouvinte, algumas vezes, pode até ser considerado o excluído entre esse grupo. Sob esse aspecto é que o implante coclear é visto como uma forma de extermínio da cultura surda, pela suposta cura da surdez. Um pai surdo, com uma filha surda, altamente influenciada pela avó ouvinte, procura argumentar e pesquisar sobre a real decisão de a filha fazer o implante, alegando que ela também vai ser uma criança feliz ou mais, sendo uma criança surda e reporta-se muitas vezes a sua infância e a sua própria vida. Gera-se, nesse momento, uma discussão com sua mãe ouvinte, que se diz marcada por sofrimentos quando teve de cuidar do seu filho surdo e que não consegue admitir que deixem a sua neta "sofrer" o que ela passou com seu filho surdo. Thoma (2005, p. 67) destaca que colocando sob suspeita as narrativas ouvintes sobre sua língua, sua comunidade e suas produções culturais, os surdos apontam outras possibilidades para se pensar a surdez.

Cada nascimento requer que alguém, com desejo de ter um filho, mantenha este em sua cultura, escolhendo para esse filho o que realmente tem significado; é como filiar este bebê, colocá-lo no lugar de filho. É o dever dos pais nessa primeira integração social com seus semelhantes e naquilo que realmente acreditam. Podemos dizer que reivindicar a deficiência com orgulho faz parte da identidade do pai surdo no documentário.

Para se pertencer a um grupo social, para se socializar, para ser membro de uma comunidade, é imprescindível apropriar-se de valores de sua cultura. É isso que esses pais surdos querem: a família participando da comunidade surda, uma comunidade com suas próprias crenças e valores.

O implante coclear, para esses pais, seria limitar a opção da criança de ser usuária da língua de sinais e, conseqüentemente, o não-uso de sinais pelas crianças surdas poderia significar a extinção da comunidade surda. O grupo de surdos luta para ter o reconhecimento de suas peculiaridades em sua cultura.

O grupo luta para que se pare de pensar nas pessoas "a partir" de sua experiência surda e não "apesar" de suas limitações, ou desde suas supostas potencialidades extraordinárias; abandonar o conceito de que o diagnóstico médico diz tudo sobre aquelas

pessoas. Esse movimento vem ganhando visibilidade na chamada *Disability Culture*: “faz parte da chamada *Disability Culture*, que é produzida e sustentada por pessoas que se posicionam a partir da experiência da deficiência e não apesar dela”. (LACERDA, 2004, p. 2).

E esse grupo, mostrado claramente no documentário, luta por isso, luta porque sabe que ainda existem núcleos de segregação, seja qual for o grupo considerado “outros diferentes”.

Supor que uma criança possa ter melhores ou piores condições de vida, considerando unicamente as funções consideradas alteradas ou o diagnóstico médico inicial, é desconhecer que um ser humano é muito mais que aquilo que “funciona” nele de maneira diferente. Não se trata de negar as diferenças, mas sim de respeitá-las e realizar as adequações para que cada um possa ser feliz em sua totalidade. Ressalto ainda, no documentário, a busca e a pesquisa dos pais surdos “anormais” sobre os prós e contras do implante coclear na filha, enquanto os pais ouvintes “normais” procuraram apenas os benefícios do implante em seu filho surdo.

É essencial que os pais saibam desde o primeiro momento que podem escolher muitas possibilidades para esse filho, que o diagnóstico inicial não é o que pré-determina um destino. Isso poderá permitir se questionar sobre o que esperam, o que desejam e o que se dispõem a defender para esse filho.

Acredito que cada vez mais a sociedade começa a perceber a existência de pessoas surdas, foco deste artigo, para acolhê-las e as próprias pessoas com deficiência/diferença começam a se mostrar, a reivindicar seus espaços, a exercer seu papel de cidadãos.

O cidadão com deficiência é sujeito de direitos e responsabilidades sociais tanto quanto os demais cidadãos. A ele devem ser concedidas as mesmas oportunidades de participação social, segundo suas capacidades de desempenho, sem discriminação. E é sem dúvidas que, com o aprimoramento tecnológico de cirurgias como o implante coclear, o número de surdos

usuários da língua de sinais poderá, em um futuro bem próximo, diminuir consideravelmente, deixando a luta pela conquista de direitos aos surdos, a quebra do paradigma da deficiência, a identidade cultural e o encontro surdo-surdo enfraquecidos, transformados ou até mesmo destruídos. Esse encontro é um elemento chave para o modo de produção cultural ou de identidade, pois implica um impacto na “vida interior” e lembra a centralidade da cultura na construção da subjetividade do sujeito surdo e na construção da identidade como pessoa e como agente pessoal.

Referências:

- LACERDA, Patrícia Monteiro. **O Olho invisível que nos vê** – a narração da sociedade a partir da experiência da deficiência. Programa de Pós-Graduação em Educação/PUC-Rio, 2004.
- MIRANDA, Wilson. **Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais**. Dissertação (Mestrado), UFRGS. Porto Alegre: 2001.
- PERLIN, Gládis Teresinha. O lugar da cultura surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini; (Org.). **A invenção da surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- THOMA, Adriana da Silva. A inversão epistemológica da anormalidade surda na pedagogia do cinema. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini; (Org.). **A Invenção da surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2005.
- Sound and Fury (Som e Fúria)**. Direção de Josh Aronso e Roger Weisberg. USA: 2001. (60min), son.col.